



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FRANCISCA SULPINO DE SÁ

**A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO LIVRO
DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS.**

CAJAZEIRAS - PB

2023

FRANCISCA SULPINO DE SÁ

**A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO LIVRO
DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S111v	<p>Sá, Francisca Sulpino de. A variação linguística lexical da língua portuguesa no livro didático do 6º ano do ensino fundamental anos finais / Francisca Sulpino de Sá. – Cajazeiras, 2023. 44f. : il. Color Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Variação linguística. 2. História da língua. 3. Livro didático - Ensino fundamental. 4. Ensino. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 81'27

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

FRANCISCA SULPINO DE SÁ

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO LIVRO
DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 23/11/2023

Banca Examinadora:

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)

Adriana Sidralle Rolim de Moura

Prof.ª Dr.ª Adriana Sidralle Rolim de Moura
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)

Abraão Vitoriano de Sousa

Prof. Me. Abraão Vitoriano de Sousa
(SEE/PB - Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e pela sabedoria que me destes.

Aos meus pais por todas as noites estarem me esperando na estrada ao voltar para casa.

Ao professor Abdoral por ter acreditado em mim, se oferecendo para ser meu orientador.

À professora Nazareth por me incentivar a terminar o curso.

À professora Erlane por me ajudar com a formatação.

RESUMO

A variação lexical na língua portuguesa é um tópico de grande importância no ensino da língua, especialmente, quando se considera o contexto do livro didático destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental anos finais. O objetivo geral deste trabalho é abordar a variação linguística lexical no livro didático do 6º ano, como contribuição para a compreensão da variação linguística lexical. Para isso traçamos como objetivos específicos, I- apresentar brevemente o percurso histórico da origem da língua latina e da língua portuguesa, II Discorrer sobre a formação da língua portuguesa no Brasil, III- analisar a variação lexical no livro didático além disso, IV- apresentar a formação da língua portuguesa no Brasil, V- investigar no livro didático do 6º ano do ensino fundamental o aspecto sobre a variação lexical. Esse trabalho está fundamentado de acordo com os autores Soares (2001), Almeida Filho (2009), Carvalho (2014), Coutinho (2011), dentre outros que ajudaram a compreender a construção da língua portuguesa. Esta pesquisa é bibliográfica que Segundo Prodanov (2013) é elaborada a partir de materiais já publicados, como livros, revistas e outros). Esperamos que esta pesquisa estimule professores e estudantes a buscarem fontes de pesquisa para aprimorar o ensino da língua, tanto na expressão oral quanto na escrita.

Palavras-chave: História da Língua. Variação Lexical. Livro Didático. Ensino.

ABSTRACT

Lexical variation in the Portuguese language is a topic of great importance in teaching the language, especially when considering the context of the textbook intended for the 6th year of Elementary School final years. In this summary, we will explore the relevance of incorporating lexical variation as a teaching strategy at this educational level. The main objective of this work is to examine the lexical variation present in the 6th year textbook, with the aim of enriching the understanding of vocabulary variation. Furthermore, we will discuss the history of the evolution of the Portuguese language, highlighting its origin. We will analyze how the textbook for the 6th year of Elementary School deals with the issue of lexical variation. This research is bibliographic in nature, as it focuses on the analysis of a textbook, specifically the book written by Cibele Lopreste Costa and Greta Marchetti, aimed at students in the 6th year of Elementary School II, valid from 2020 to 2023. The analysis will focus on the second unit of the book, which deals with linguistic variation. This work is organized into four chapters, starting with an introduction to the topic, followed by an exploration of the history of the Latin language and its influence on the origin of the Portuguese language. Next, we will address the formation of the Portuguese language in Brazil and, finally, we will present the analysis of the textbook. We hope that this research encourages teachers and students to seek research sources to improve language teaching, both in oral and written expression.

Keywords: Linguistic Variation. Lexical. Portuguese language. Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Península Itálica	12
Figura 2 - Capa do livro didático	27
Figura 3 - Unidade 1, 2 e 3 do livro didático	28
Figura 4 - Unidade 4, 5 e 6 do livro didático	29
Figura 5 - Variação linguística: variedades regionais	31
Figura 6 - Gênero musical	32
Figura 7 - Variedades sociais	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
LC	-	Latim Clássico
LD	-	Livro Didático
LL	-	Língua Latina
LP	-	Língua Portuguesa
LV	-	Latim Vulgar
SVO	-	Sujeito – Verbo – Objeto
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA LATINA E A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA	12
2.1.1 Latim Vulgar e a Transformação Linguística	17
2.2 CONSOLIDAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	20
3 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.....	21
3.1.2 Políticas Linguísticas e a Consolidação do Português.....	25
3.1.3 Os PCN e a Base Nacional Comum Curricular e o ensino de variação lexical	26
4 VARIEDADE LEXICAL NO LIVRO DIDÁTICO DO 6 ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Com o decorrer do tempo e o avanço de novas pesquisas sobre o funcionamento e o processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, doravante (LP), surgem novas preocupações relacionadas aos recursos didáticos utilizados pelos professores. Atualmente, devido à crescente demanda por materiais que auxiliem os professores em sala de aula, muitas vezes, o livro didático, doravante (LD), são os únicos recursos de apoio empregados em muitas escolas. Mesmo assim, desempenham um papel significativo no processo de ensino, fornecendo orientações e sugestões de atividades adequadas a uma variedade de contextos. No entanto, é crucial avaliar o conteúdo, a organização e a abordagem desses materiais, a fim de assegurar que estejam alinhados com as necessidades de aprendizagem de cada situação de ensino. Especificamente no que diz respeito à maneira como o LD trata a variação linguística, essa avaliação é de extrema importância, visto que, em muitos casos, esses materiais tendem a privilegiar apenas o uso da língua formal, deixando de abordar outras variações presentes na LP.

Desde o período da colonização do Brasil pelos Portugueses, a sociedade brasileira foi influenciada pela ideia do "bom português", que representava o uso correto e aceitável da nossa língua materna. No entanto, ao longo dos anos, a sociedade e diversos grupos sociais desenvolveram suas próprias formas de fala, comunicação e identificação social por meio da linguagem. Isso deu origem ao que conhecemos como variação linguística, que ocorre de acordo com o contexto sociocultural, histórico e geográfico.

Conforme Faraco (2011) observa essa norma culta da língua, dissociada das variedades linguísticas efetivamente utilizadas no Brasil, nunca se tornou verdadeiramente funcional. No entanto, ao longo de mais de um século, tem sido usada como uma ferramenta de violência simbólica e de exclusão sociocultural. Essa perspectiva exemplifica o fenômeno conhecido como preconceito linguístico, que não apenas cria divisões entre os educandos, mas também serve como um meio de exclusão sociocultural.

É evidente que, devido à rica composição social, histórica e cultural da sociedade brasileira, o idioma português passou por transformações, variações e ajustes por parte de seus falantes, não apenas no Brasil, mas também em outros países que compartilham a língua. Essas adaptações e modificações gradualmente

se integraram à sociedade, incorporando novas formas de expressão que, ao longo do tempo, se tornaram características distintivas reconhecidas em diversas regiões.

Muitas transformações e alterações na LP ao longo do tempo se transformaram em oponentes da norma culta e passaram a ser malvistas pelos falantes da língua. De acordo com Faraco (2002, p. 38), "os diferentes grupos sociais se distinguem pelo uso de diferentes formas de linguagem. Esse uso caracteriza o que é conhecido como norma linguística". Muitas vezes, o uso comum é determinado por um grupo social específico, pois ele não tem conhecimento ou acesso a outra perspectiva da língua, que é a norma padrão.

No ambiente escolar, esses grupos podem ser alvo de preconceito linguístico ou serem excluídos, uma vez que muitos alunos e professores podem não estar familiarizados com o assunto e considerar essa forma de fala como "errada". De acordo com Soares (2001, p. 211-212), "ensinar português era, assim, levar os alunos a entender (ou reconhecer) as regras gramaticais e o funcionamento dessa variedade linguística de prestígio". Esse trecho exemplifica o que tem sido prática comum nas escolas por um longo tempo: um ensino que privilegia apenas uma variedade linguística prestigiada. Essa mentalidade ainda prevalece em algumas escolas hoje em dia. Portanto, é ainda mais crucial realizar pesquisas sobre a variação linguística, seu ensino e como ela é abordada em materiais didáticos.

Este trabalho trata da variação lexical abordada no LD do 6º ano do ensino fundamental. Esse tema é relevante porque, muitas vezes, o LD apresenta esse conteúdo de maneira descontextualizada o que pode causar a discriminação de certos usos.

Nesse sentido, fizemos o seguinte questionamento: quais as possíveis dificuldades de se tratar a variação lexical a partir do LD, visto que o livro apresenta a temática sobre a variação linguística lexical, muitas vezes, de modo lacunar, desconsiderando que essa variação pode ser compreendida a partir da evolução histórica da língua. Diante disso, é necessário que o docente busque contextualizar o ensino sobre o léxico, considerando o valor dessa variação como uma forma de tornar o ensino significativo.

Está pesquisa se justifica, tendo em vista que busca contribuir com as aulas de LP no 6º ano do ensino fundamental, como incentivo à leitura e à compreensão das variações linguísticas lexicais, a partir da perspectiva histórica da língua.

O objetivo geral deste trabalho é abordar a variação linguística lexical no LD do 6º ano, como contribuição para a compreensão da variação linguística lexical. Para isso traçamos como objetivos específicos, I- apresentar brevemente o percurso histórico da origem da língua latina e da LP; II- discorrer sobre a formação da LP no Brasil, III- investigar a variação lexical no LD além disso, trata sobre o percurso histórico da origem da LP; IV- apresentar a formação da LP no Brasil; V- investigar no LD do 6º ano do ensino fundamental o aspecto sobre a variação lexical.

Esse trabalho está fundamentado nos aportes teóricos de Soares (2001), Almeida Filho (2009), Carvalho (2014), Coutinho (2011), dentre outros que ajudaram a compreender a construção da LP.

A metodologia utilizada nesta pesquisa se classifica como bibliográfica, que definida, de acordo com Prodanov (2013), é construída a partir de obras publicadas como livros, teses, artigos e outros materiais que apresentam uma teoria acerca do que aqui é refletido. Quanto à abordagem é qualitativa, pois de acordo com Prodanov (2013, p. 70) “a pesquisa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. O corpus analisado é o livro do 6º ano do ensino fundamental anos finais, de Cibele Lopresti e Greta Marchetti, exemplar do aluno, válido de 2020 a 2023, especificamente as unidades que tratam sobre variação linguística.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, primeiro introduz o tema a ser analisado, mostra o objetivo geral e os específicos, a fundamentação teórica, e a justificativa; o segundo capítulo traz breves considerações sobre a língua latina (LL) e a origem da LP, apresenta as características da LL, e o declínio do império romano e o latim vulgar (LV); o terceiro mostra a formação da LP no Brasil, a missão Jesuíta e o papel de José de Anchieta na catequização dos indígenas; o quarto trata da análise do LD do 6º ano das autoras Cibele Lopreste Costa e Greta Marchetti, exemplar do aluno, válido de 2020 a 2023; por último apresentamos nas considerações finais discorreremos os resultados da pesquisa.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA LATINA E A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

A LP, hoje falada por mais de 250 milhões de pessoas em todo o mundo, tem suas raízes em uma antiga língua que dominou grande parte da Europa: o Latim. A história da transformação do Latim na LP é uma jornada fascinante que abrange milênios, povos e culturas diferentes (Almeida Filho, 2009).

Segundo Carvalho (2014), a LL, hoje morta no que concerne ao uso como idioma nativo, teve sua origem na Península Itálica, mais precisamente na região do Lácio, cuja cidade mais famosa é Roma. Por volta do século VII a.C., com o estabelecimento e a expansão de Roma, o latim começou a se propagar, influenciando e suprimindo outras línguas locais.

O poder e a influência de Roma cresceram exponencialmente, especialmente, após a consolidação da República Romana, a partir de 509 a.C. e, mais tarde, do Império Romano. Com suas inúmeras conquistas, os romanos espalharam sua língua por vastas regiões da Europa, norte da África e parte da Ásia. Como resultado, o latim não apenas serviu como língua franca em muitas áreas do império, mas também exerceu uma influência duradoura sobre as línguas locais.

Figura 1 - Mapa da Península Itálica



Fonte: Imagem do Google (2023).¹

¹Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fbr.pinterest.com%2Fpin%2F774619204647843916%2F&psig=AOvVaw0KFbTaklcFAhZhxrqQYwK&ust=1699207032637000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxdFwoTCMj7psb1qolDFQAAAAAdAAAAABAw> Acesso em: 04 nov. 2023.

Nessa perspectiva, Carvalho (2014) destaca que à medida que o Império Romano expandiu e em consequência a LL também se diversificou. Durante a fase clássica de Roma, o latim literário ou clássico, usado pelos eruditos e pela elite, foi padronizado e é bem conhecido por obras de autores como Cícero e Virgílio, dentre outros autores. No entanto, a vasta maioria da população falava o LV, uma forma mais cotidiana e variável do idioma.

A queda do Império Romano no século V d.C., sob a pressão das invasões germânicas, trouxe uma série de transformações para a Europa. O LV, falado nas diferentes províncias do império, começou a evoluir de maneira independente, dando origem às línguas românicas ou neolatinas (Coutinho, 2011).

Na região da Gallaecia, território que abrange partes do norte de Portugal e da Espanha, o LV, misturado com contribuições dos celtas, dos iberos e, posteriormente, dos germânicos e árabes, evoluiu para o que viria a ser o galego-português. Durante a Reconquista cristã, à medida que os reinos cristãos do Norte avançavam para o sul, expulsando os mouros, a língua também se expandiu. (Coutinho, 2011.)

Segundo Assis (s/d), com a formação do Condado Portucalense (1095) e, posteriormente, do Reino de Portugal no século XII, o galego-português começou a divergir do latim, dando origem às LP e galega. O português se solidificou e se expandiu, especialmente, com as descobertas ultramarinas no século XV e XVI, tornando-se uma língua global.

A LP, celebrada como uma das joias linguísticas do mundo românico, é um espelho do legado de civilizações passadas e da intrincada tapeçaria de culturas que moldaram a Península Ibérica e as regiões além-mar onde o português é falado.

Originária das terras férteis da Roma Antiga, o latim, uma língua que uma vez ressoou nas ágoras e foros romanos, serviu como substrato para a formação não apenas do português, mas de várias línguas românicas como o espanhol, francês e italiano. Cada uma destas línguas, embora compartilhando um tronco linguístico comum, evoluiu de maneira única, refletindo as particularidades culturais e históricas das regiões onde se desenvolveram.

Conforme (Carvalho, 2014), o caminho do latim até o português que conhecemos hoje é resultado de processos de interação entre diferentes povos com os quais os romanos entraram em contato. Ao longo dos séculos, a Península Ibérica foi palco de invasões, migrações e confluências culturais, como por exemplo,

os visigodos, mouros e outros povos deixaram suas marcas no vocabulário, na fonética e na gramática da língua que estava a se formar

O Português, com sua melodia e riqueza lexical, não apenas absorveu influências, mas também as adaptou, criando uma identidade linguística distinta. É essa capacidade de absorção e reinvenção que fez do português uma língua tão rica e diversificada, com variantes que vão desde os cantares alentejanos de Portugal às narrativas orais da Amazônia brasileira.

Há diversidade diatópica/geográfica na língua falada no Brasil, razão pela qual os linguistas têm tentado mapear os dialetos brasileiros. As diferenças do português de Portugal e do Brasil são resultantes da interação entre os indígenas e os escravos vindos da África. Nesse sentido, Teyssier (1994, p. 65) destaca que:

A realidade, porém, é que a divisão “dialetal” no Brasil é menos gráfica do que sociocultural. As diferenças de modo de falar são maiores num determinado lugar entre um homem instruído e seu vizinho analfabeto do que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural, vindos de duas regiões distantes. A dialetologia brasileira será, portanto, menos horizontal do que vertical.

Diante do exposto, o autor reflete a complexidade das diferenças linguísticas no Brasil. É interessante notar que a divisão “dialetal” não se baseia apenas em aspectos geográficos, mas também em fatores socioculturais. Ainda de acordo com o autor, as variações no modo de falar são mais evidentes entre pessoas de diferentes níveis educacionais e culturais em uma mesma região do que entre indivíduos de níveis culturais semelhantes, mas de regiões geograficamente distantes. Isso sugere que a variação linguística no Brasil é mais influenciada por fatores sociais e culturais do que por distâncias geográficas, tornando-a mais uma questão de diferenciação vertical do que horizontal.

Essa abordagem nos faz refletir sobre como a linguagem está intrinsecamente ligada às identidades individuais e coletivas, revelando a importância de se compreender a variação lexical no estudo da diversidade linguística no país. Ele nos lembra que as diferenças linguísticas no Brasil são moldadas não apenas em relação às regiões geográficas, mas também por fatores como classe social, educação e cultura, o que torna a compreensão dessas variações no país uma tarefa desafiadora e multifacetada. Assim, ao refletirmos sobre o português, não estamos apenas contemplando uma língua, mas toda uma linha de tradições,

históricas e culturais que se entrelaçaram para dar voz a mais de 250 milhões de falantes ao redor do mundo.

O Latim surgiu na região do Lácio, onde se localiza a atual cidade de Roma, na Itália. Com as expansões territoriais do Império Romano, entre os séculos I a.C. e IV d.C., o Latim se espalhou por vastas regiões da Europa, Norte da África e partes da Ásia. A importância do Latim não se restringia apenas à comunicação diária, mas era também a língua da administração, do direito, da religião e da ciência em todo o Império Romano (Coutinho, 2011).

A LL, mãe de muitas línguas modernas e essência da herança cultural romana no ocidente, nasceu nas regiões da Península Itálica. Sua origem remonta ao Lácio, uma região onde a cidade de Roma foi fundada. Assim como Roma evoluiu de uma pequena cidade-estado para um vasto império, a LL também se expandiu, adaptou-se e transformou-se ao longo do tempo.

A Itália, antes da ascensão de Roma, apresentava uma diversidade de culturas e línguas distintas. A LL pertence a um grupo de idiomas conhecidos como itálicos. Inicialmente, essa língua era apenas uma entre várias faladas na península, mas com a expansão territorial e política de Roma, o latim começou a ganhar destaque (Carvalho, 2014).

À medida que o Império Romano expandia suas fronteiras, levava consigo sua cultura, leis, tecnologia e, claro, sua língua. As regiões conquistadas, desde a Hispânia (atual Espanha) até as províncias orientais, passaram por um processo de romanização, que não foi apenas a adoção da língua, mas também a integração de costumes e outras atividades, haja vista que a necessidade de comunicação e gestão administrativa fizeram do latim uma língua franca em grande parte do império.

Com a queda do Império Romano do Ocidente no século V d.C., o latim começou a sofrer uma série de mudanças regionais. Nas diferentes partes do antigo império, a língua começou a divergir e adaptar-se às línguas e culturas locais. Estas variantes do latim, influenciadas por substratos e superstratos linguísticos regionais, eventualmente, deram origem às línguas românicas: espanhol, português, francês, italiano e romeno, dentre outras.

Em suma, a LL, nascida nas colinas do Lácio, tornou-se a língua de um dos maiores impérios da história. Embora o império tenha caído, seu legado linguístico vive em muitas das línguas e culturas modernas, testemunhando a influência

duradoura de Roma. Com o tempo, e em diferentes territórios, o latim passou por diversas mudanças, resultando nas línguas românicas que conhecemos hoje. O latim, no entanto, não desapareceu, continuando a ser usado pela Igreja Católica, pelos cientistas e em documentos legais até o século XVIII. (Carvalho, 2014.)

O latim é uma língua flexível, o que significa que a forma das palavras muda para indicar sua função sintática na frase. O latim possui seis casos: nominativo (para o sujeito), genitivo (posse), dativo (indireto), acusativo (objeto direto), ablativo (agente da passiva e os adjuntos adverbiais) e vocativo (chamamento) (Carvalho, 2014).

Quanto à estrutura, os verbos em latim são conjugados de acordo com tempo, modo, voz, número e pessoa. Existem quatro conjugações e são agrupados com base em suas terminações *are, ere, ére, ire* no latim clássico (LC); já no LV restaram apenas três; *are, ere e ires*. Quanto à formação do léxico, segundo Bagno (2007), as palavras da LP originaram -se do caso acusativo: ex: *libru(m)* e não *líber*, *homine(m)* e não *homo*. A influência latina no vocabulário da LP é notável, principalmente no que diz respeito ao caso acusativo, visto que é desse caso que são formadas predominantemente as palavras do português.

No latim não havia uma ordem fixa das palavras, pois as terminações dos casos é que indicavam a função sintática, diferentemente do português que a ordem é essa: Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), *Deus hominem amat*. (Deus ama o homem) Nesse exemplo, independente da ordem, o sentido permanece, porque é a terminação do caso que indica a função. *Hominem Deus amat*.

Ainda segundo Bagno (2007), o latim não possui artigos definidos ou indefinidos, ao contrário das línguas neolatinas. Quanto ao número, no latim há dois: singular e plural. Quanto ao gênero gramatical dos nomes não se fundamenta no sexo biológico real, os seres inanimados eram do gênero neutro (*ne uter*, “nem um nem outro”), essa, distinção, no entanto, logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero tornou-se uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária.

Estas são apenas algumas das características e diferenciações do latim em relação à LP, tendo em vista que evoluiu ao longo do tempo e teve diferentes formas (por exemplo, LC vs. LV), e é fundamental para o estudo das línguas românicas, história europeia e literatura clássica.

Com o declínio e a queda do Império Romano, no século V, as regiões que anteriormente estavam sob domínio romano começaram a desenvolver dialetos baseados no LV, mas influenciados por línguas locais e por invasores germânicos, árabes, entre outros. Este latim, utilizado pelo povo e diferente da versão clássica e literária, é conhecido como LV. Foi essa variação popular do latim que se transformou nas línguas românicas: português, espanhol, francês, italiano e romeno (Almeida Filho, 2009).

É relevante destacar que diversos fatores contribuíram para a queda do império, como invasões bárbaras, questões econômicas, crises políticas e sociais. Mas enquanto o poder romano declinava politicamente, sua língua, o latim, seguia em transformação e se adaptava aos novos contextos da Europa pós-romana (Coutinho, 2011).

O Império Romano do Ocidente caiu oficialmente em 476 d.C. com a deposição do último imperador, Rômulo Augusto. Antes disso, porém, o império já mostrava sinais de enfraquecimento. A crescente pressão de povos bárbaros nas fronteiras, a fragmentação política, as disputas pelo poder, o declínio econômico e uma série de questões sociais pavimentaram o caminho para o fim do império.

O Império Romano, que uma vez se estendeu por três continentes e incorporou uma multiplicidade de culturas, é frequentemente reconhecido como uma das maiores civilizações da história. No entanto, como todas as grandes entidades, ele não estava imune à decadência e eventualmente sofreu um declínio. Várias razões têm sido apontadas para esse declínio, incluindo fatores militares, econômicos, sociais e culturais, pressões externas, problemas econômicos.

Em suma, o declínio do Império Romano não pode ser atribuído a uma única causa, mas a uma combinação de fatores internos e externos que culminaram em sua queda. Contudo, as lições do passado romano continuam relevantes, lembrando as civilizações contemporâneas sobre a importância da adaptação, da governança eficaz e da atenção aos fundamentos que sustentam qualquer sociedade próspera (Coutinho, 2011).

2.1.1 Latim Vulgar e a Transformação Linguística

Enquanto o império estava em declínio, o latim, que tinha sido a língua franca do Mediterrâneo, começava a sofrer transformações. A forma clássica do latim,

usada em textos oficiais e literários, era diferente do latim falado pelo povo, conhecido como LV.

Com as migrações e invasões bárbaras, o LV foi se misturando com as línguas dos invasores, dando origem a diferentes dialetos. Esses dialetos, com o tempo, evoluíram e se transformaram nas línguas românicas que conhecemos hoje, como o português, espanhol, francês, italiano e romeno (Carvalho, 2014).

O LC foi a forma da língua usada pelas elites e pelos escritores literários. Era a língua dos senadores, dos poetas, e dos acadêmicos. Contudo, o LV era a versão cotidiana e coloquial, falada pela população geral do império. Enquanto o latim clássico mantinha uma estrutura rígida e era a língua dos registros formais, o LV estava em constante evolução e absorvia influências dos vários povos sob o domínio romano.

Com o declínio do Império Romano, especialmente durante a sua fase final e após a queda do Império Romano do Ocidente no século V d.C., as comunicações entre as diferentes regiões do antigo império diminuíram. Sem uma administração central forte, os territórios que antes eram coesos começaram a se desenvolver de forma mais isolada, motivando a mudança linguística (Coutinho, 2011).

Neste cenário, o LV, já modificado, começou a se fragmentar ainda mais. Em cada região, influenciado pelos substratos locais e pela falta de uma norma central, evoluiu de maneira única. Assim, emergiram as línguas românicas: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, entre outras.

Em resumo, embora o Império Romano tenha caído, seu legado linguístico permaneceu e se metamorfoseou em várias línguas que continuam a influenciar a cultura e a comunicação até os dias de hoje.

A Península Ibérica, lar do moderno Portugal e Espanha, passou por várias invasões, após a queda de Roma, incluindo os visigodos e, posteriormente, os mouros. Esses e outros povos deixaram suas marcas no LV falado na região (Carvalho, 2014).

A partir do século IX, na região noroeste da península, um dialeto latim começou a mostrar características distintas, dando origem ao que chamamos hoje de Galego-Português. No século XII, com a independência do Condado Portucalense, que mais tarde se tornaria o Reino de Portugal, este dialeto começou a se consolidar como uma língua distinta: o Português.

A Península Ibérica, um vasto território situado no sudoeste da Europa, foi um caldeirão de culturas e povos ao longo da sua história. Dentre esses povos, destacam-se os celtas, iberos, romanos, visigodos, muçulmanos e muitos outros deixaram as suas marcas neste solo rico e diversificado. Cada um destes povos influenciou a língua, a cultura e as tradições desta região, moldando, assim, aquilo que viria a ser a base para a emergência das línguas ibéricas, entre as quais se destaca o português.

Segundo (Almeida Filho, 2009), a gênese do português tem as suas raízes no LV, a versão coloquial do latim falado pelos soldados e colonos romanos, após a conquista do território ibérico pelos romanos no século III a.C. Este latim começou a absorver palavras e influências dos idiomas locais, adaptando-se às realidades e nuances da região

Com a queda do Império Romano e a subsequente invasão dos povos germânicos, como os visigodos e outros povos, a língua sofreu mais alterações. Contudo, foi com a chegada dos Muçulmanos no século VIII é que a península experimentou uma profunda transformação cultural e linguística. O árabe introduziu no léxico ibérico uma vasta gama de termos, especialmente, relacionados à agricultura, arte, ciência e arquitetura. Ex.: algodão, açúcar, almoxarifado, alfaiate, etc.

Ao longo dos séculos seguintes, à medida que os reinos cristãos do Norte reconquistavam territórios ao sul, formaram-se diferentes dialetos românicos na península. No Noroeste, em particular, desenvolveu-se o que viria a ser conhecido como galego-português.

No século XII, com a independência do Condado Portucalense e a formação do Reino de Portugal, o português começou a consolidar-se como uma língua distinta, recebendo influências adicionais do provençal, língua dos trovadores, e, posteriormente, do espanhol, francês e outras línguas europeias, devido a contatos comerciais e políticos.

O português, assim, não é apenas o produto de uma história rica e diversificada, mas também testemunha as inúmeras interações, conflitos e fusões que ocorreram na Península Ibérica ao longo dos milênios. Hoje, é uma língua falada por milhões em todo o mundo, carregando consigo as marcas e histórias de um passado vibrante.

2.2 CONSOLIDAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A LP, assim como muitas outras línguas ao redor do mundo, é o resultado de séculos de evolução linguística, interações culturais e transformações sociais. E enquanto muitos se referem a ela como a "língua de Camões", é importante destacar que a consolidação do português não é atribuída a uma única pessoa ou época, mas sim ao coletivo dos falantes e às circunstâncias históricas (Carvalho, 2014).

Ao longo dos séculos, a distância geográfica e a evolução natural das línguas fizeram com que as variantes do latim faladas na Península Ibérica começassem a divergir. Eventualmente, no início do segundo milênio XI d.C., o Galego-Português, falado no noroeste da península, começou a se distinguir claramente das outras línguas românicas.

Os Descobrimentos portugueses, entre os séculos XV e XVI, levaram o português a novos territórios. Em lugares como Brasil, Angola, Moçambique, Goa, entre outros, a LP foi se adaptando e incorporando influências locais, dando origem a variedades distintas do português (Santos, 2015). No próximo capítulo, apresentamos breves considerações sobre a formação da LP no Brasil.

3 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

A formação da LP no Brasil é um processo complexo e multifacetado, que reflete a rica tapeçaria histórica, cultural e social do país. Para entender sua evolução, é essencial explorar as várias camadas de influências que deram forma ao português brasileiro.

Logo após a chegada dos portugueses, eles se encontraram com os povos indígenas que habitavam o território brasileiro que falavam principalmente o Tupi-Guarani, e influenciaram o português em várias frentes e por isso muitas palavras de origem indígena foram incorporadas ao português, especialmente àquelas relacionadas à fauna, à flora e à alimentação etc.

A partir do século XVI, a escravidão africana teve um papel fundamental na formação social e cultural do Brasil. Assim, línguas africanas também influenciaram o português brasileiro. Essa influência é perceptível não apenas no vocabulário, mas também em algumas estruturas gramaticais e na musicalidade da língua (Oliveira, 2015).

A partir do final do século XIX e início do século XX, o Brasil recebeu ondas de imigrantes de diversas partes do mundo, como italianos, alemães, espanhóis, árabes, japoneses, entre outros. Cada grupo trouxe consigo sua língua e cultura, enriquecendo ainda mais o português falado no Brasil.

No século XX, com o crescimento das cidades e o avanço das comunicações, houve uma certa padronização do português brasileiro, principalmente na forma escrita. No entanto, as diversas variantes regionais continuam a enriquecer o idioma com suas particularidades (Bezerra, 2015).

A LP no Brasil é um mosaico vivo, reflexo de uma nação construída por múltiplas culturas e histórias. Ao longo dos séculos, o idioma se adaptou, incorporou e se transformou, resultando no português brasileiro que conhecemos hoje: que é resultando no processo de miscigenação de vários povos.

3.1 OS JESUITAS E O PROCESSO EDUCACIONAL

O estabelecimento das primeiras missões jesuítas no século XVI foi um marco notável na história da colonização e evangelização das Américas e em outras regiões do mundo. Aqui, apresentamos uma visão geral deste processo, focando na sua origem, propósito e impacto.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Santo Inácio de Loyola e seus companheiros. A ordem foi oficialmente reconhecida pelo Papa Paulo III em 1540. Com uma educação rigorosa e uma profunda devoção à causa cristã, os jesuítas rapidamente e tornaram uma das principais forças missionárias da Igreja Católica (Moura, 2016).

O estabelecimento das missões jesuítas no século XVI foi motivado por duas razões principais: primeiro, havia o desejo ardente de evangelizar e converter populações indígenas ao Cristianismo; segundo a coroa espanhola e portuguesa viram nas missões uma forma de consolidar seu controle sobre os territórios recém-conquistados, promovendo a "civilização" e a lealdade ao reino e à fé católica.

Desde a formação da Companhia de Jesus em 1540 por Santo Inácio de Loyola, os jesuítas empreenderam várias missões em todo o mundo com o objetivo de evangelizar e educar. Uma das áreas mais notáveis de sua atuação foi a América Latina, onde desempenharam um papel central na evangelização e na formação cultural e educacional das colônias espanholas e portuguesas (Amorim, 2017).

Os jesuítas eram especialmente conhecidos por sua ênfase na educação, por isso estabeleceram escolas, seminários e universidades em várias partes do continente. Muitas destas instituições, como o Colégio de São Paulo em Piratininga (atual cidade de São Paulo), tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento intelectual e cultural das colônias (Moura, 2016).

Entretanto, a influência dos jesuítas nem sempre foi bem recebida, tendo em vista que em muitos casos, entraram em conflito com os colonizadores por causa de suas tentativas de proteger os direitos e interesses dos indígenas. Os jesuítas frequentemente desafiaram as práticas de trabalho forçado e escravidão, o que os colocou em rota de colisão com os interesses econômicos de muitos colonos.

Em 1759, sob o reinado de Dom José I, os jesuítas foram expulsos de todos os territórios portugueses pelo Marques de Pombal, incluindo o Brasil. Estas expulsões marcaram o fim da influência direta dos jesuítas nas Américas, mas seu legado perdurou (Santos, 2015).

Os jesuítas deixaram uma marca indelével na cultura, na educação e na história da América Latina. Suas contribuições à educação, sua defesa dos direitos indígenas e seu papel na formação da identidade cultural de várias nações são aspectos que ainda hoje são estudados e reconhecidos (Paiva, 2015).

Em resumo, a missão jesuítica no Brasil foi uma complexa interação de fé, cultura, conflito e educação. Mesmo após séculos de sua atuação inicial, o impacto desses missionários ainda é sentido e valorizado em muitas partes do continente. Em muitos casos, isso significava aprender línguas locais e criar escritas para elas, preservando assim muitas tradições, com objetivo de catequizar esses povos e torná-los cristãos.

O impacto das missões jesuítas foi vasto e variado, haja vista que por um lado, desempenharam um papel fundamental na preservação e documentação de línguas e culturas indígenas, por outro, em alguns casos, as missões protegeram os indígenas da escravidão e de abusos por parte dos colonizadores.

Em conclusão, o estabelecimento das primeiras missões jesuítas, no século XVI, foi um episódio de grande significado na história da América Latina, além disso, representou um encontro de mundos e culturas, com consequências duradouras tanto para os povos indígenas quanto para a Igreja Católica e os impérios coloniais da Europa.

José de Anchieta, também conhecido como o "Apóstolo do Brasil", desempenhou um papel central na catequese e educação dos indígenas durante o período colonial brasileiro. Ele não apenas foi uma peça-chave na evangelização cristã, mas também ajudou a criar pontes culturais e linguísticas entre os povos indígenas e os europeus.

A chegada dos portugueses às terras brasileiras em 1500 trouxe consigo os desafios para o processo de colonização e de evangelização. Como parte da expansão marítima e colonial, a Igreja Católica, com o apoio da Coroa Portuguesa, enviou missionários jesuítas ao Brasil para cristianizar os povos indígenas (Bezerra, 2015). Anchieta percebeu que a conversão dos indígenas seria mais eficaz se fosse realizada de forma respeitosa e adaptada às suas culturas. Assim, em vez de impor diretamente os valores e crenças europeus, ele buscou aprender e compreender a língua e os costumes locais, pois acreditava que a educação e a religião caminhavam lado a lado. José de Anchieta foi cofundador do Colégio de São Paulo de Piratininga em 1554, que mais tarde se tornaria a cidade de São Paulo. Esta instituição não serviu apenas como um centro de ensino religioso, mas também como base para o ensino de leitura, escrita e aritmética para os indígenas. Sua metodologia educativa baseava-se no diálogo e no respeito mútuo (Moura, 2016).

Anchieta desenvolveu uma gramática da língua Tupi-Guarani, fundamental para a comunicação e catequese dos indígenas. Isso não apenas facilitou a evangelização, mas também preservou aspectos dessa língua, contribuindo para a compreensão e valorização da cultura indígena. Além de suas atividades educativas e religiosas, Anchieta também se destacou no campo artístico, escrevendo peças teatrais que misturavam elementos da tradição cristã europeia e indígena. Essas peças eram frequentemente usadas como instrumentos de catequese, ensinando os preceitos cristãos através do teatro (Carvalho, 2015).

Em conclusão, José de Anchieta foi uma figura emblemática no processo de catequização e educação dos indígenas durante o período colonial brasileiro. Seu legado é uma fusão da cultura europeia com a indígena e, de certa forma, respeitando e valorizando a diversidade e riqueza dos povos originários do Brasil.

3.1.1 CRIAÇÃO DA GRAMÁTICA E DICIONÁRIOS EM LÍNGUAS INDÍGENAS PARA FACILITAR A EVANGELIZAÇÃO.

A diversidade linguística dos povos indígenas é vasta e rica, refletindo uma tapeçaria complexa de culturas, tradições e histórias. No entanto, muitas dessas línguas não possuem uma forma escrita estabelecida, nem gramática ou dicionários formalizados. Nesse contexto, um aspecto interessante foi a motivação que levou à criação de gramáticas e dicionários em algumas dessas línguas: a evangelização.

O processo de criação de gramáticas e dicionários era minucioso. Inicialmente, os missionários estabeleceriam uma relação próxima com as comunidades, aprendendo a língua oralmente. Eles anotavam palavras, frases e estruturas gramaticais, muitas vezes adaptando o alfabeto latino para representar sons específicos da língua indígena.

Gradualmente, essas anotações se transformavam em dicionários mais estruturados e, eventualmente, em gramáticas que detalhavam a estrutura e as regras da língua. Estes documentos não apenas ajudavam na tradução de textos religiosos, mas também serviam como ferramentas pedagógicas para ensinar outros missionários (Moura, 2016).

A criação de gramáticas e dicionários em línguas indígenas para facilitar a evangelização é um capítulo fascinante da interação entre culturas. É um lembrete

da complexidade das relações humanas, onde esforços para compreender e comunicar pode coexistir com intenções diversas, como por exemplo, a conversão e, por vezes, dominação.

3.1.2 Políticas Linguísticas e a Consolidação do Português

No período medieval, após a independência de Portugal em relação ao Reino de Leão, houve a necessidade de criar uma identidade nacional distinta. Isso incluiu a promoção da LP em documentos oficiais, literatura e outras formas de expressão cultural.

A expansão marítima portuguesa nos séculos XV e XVI levou o português a novos territórios, incluindo partes da África, Ásia e América do Sul. Nos territórios colonizados, o português foi frequentemente imposto como língua oficial, suprimindo ou convivendo com línguas locais.

Nos séculos seguintes, a estabilidade e unidade da língua se tornaram uma preocupação. A criação de academias e instituições responsáveis pela normatização da língua foi essencial para estabelecer uma versão "padrão" do português.

No século XX, com a independência de muitas ex-colônias portuguesas, surgiu a necessidade de unificar a língua, ao menos em sua forma escrita. Isso levou a vários acordos ortográficos, tentativas de criar uma norma comum para todos os países lusófonos.

A trajetória do português, desde suas origens até sua posição atual no cenário global, reflete a interação entre movimentos históricos e decisões políticas. Políticas linguísticas foram, e continuam sendo, fundamentais para moldar a forma como o português é falado, escrito e percebido no mundo. Reconhecer essa interação é essencial para entender não apenas a língua, mas também a cultura e identidade dos povos lusófonos.

Declínio de Línguas Indígenas: sem o apoio das missões jesuíticas, muitas comunidades indígenas enfrentaram pressões crescentes para assimilar à cultura colonial dominante. Isso levou ao declínio ou desaparecimento de várias línguas indígenas.

Desse modo, com a perda de Intercâmbio Cultural, as missões serviam como pontos de intercâmbio entre culturas indígenas e europeias. Com a expulsão, muitas

dessas interações foram interrompidas, levando a uma perda na diversidade linguística e cultural.

3.1.3 Os PCN e a Base Nacional Comum Curricular e o ensino de variação lexical

Vale ressaltar que as implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica, segundo os PCN (1998, p.29) “a variação é constituída das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa”). Nesse sentido, o ensino sobre a variação linguística no Brasil deve considerar a heterogeneidade, pois há diferentes maneiras de falar, cada lugar, cada falante, cada situação do dia a dia tem uma linguagem diferente, assim essa variação deve estar presente no ambiente escolar.

Quando se fala em pronúncia de palavras é perceptível que as diferenças de fala se manifestam, visto que cada grupo social tem uma maneira de se expressar, mas isso tudo é normal, haja vista que esse processo é um processo natural na evolução histórica das línguas, um fato a ser explicado é que ninguém escreve da maneira que fala, por isso as pessoas têm um modo de falar bem diferente da fala e da escrita. Isso sim é um problema no ensino de língua portuguesa, haja vista pois a escrita deve seguir um padrão. Nesse sentido, a escola é o espaço no qual o discente vai adquirir essa habilidade.

A variação linguística é composta por variedades que as escolas precisam ensinar aos alunos, não existem forma de falar errada, o que existe é o preconceito linguístico que as pessoas têm em relação ao modo de falar do outro, a variação linguística lexical vem mostrar como a língua portuguesa foi uma evolução proveniente do latim, passando por diversas transformações, chegando até o português de hoje, com isso a língua foi tendo suas variações a cada geração a língua mudava um pouco é hoje e falada por 250 milhões de pessoas ao redor do mundo. Assim, surgiram formas de falar diferenciadas, visto que cada região tem seu modo de falar, cada sociedade mostra outro jeito de falar, as comunidades distantes dos centros urbanos também têm sua linguagem usual, é preciso que as variedades lexicais sejam respeitadas e estudadas de maneira a acabar com esse preconceito linguístico.

A partir das considerações que fizemos anteriormente sobre o percurso histórico da LP, desde a chegada dos romanos à Península Ibérica até a vinda dos portugueses ao Brasil, passando pelo processo de educação que os jesuítas implantaram no Brasil, percebemos que o ensino de língua sempre foi centrado nas normas gramaticais ou normas prescritivas. Nesse sentido, é importante que o ensino de LP contextualize os aspectos históricos, tendo em vista que os documentos oficiais orientam que esse ensino considere as variações como fenômenos inerentes à língua. Nesse sentido, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Compreender as línguas como fenômenos (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como forma de expressões identárias, pessoais e coletivas, bem como, agindo no enfrentamento de preconceito, de qualquer natureza (Brasil, 2018, p. 494).

Segundo o documento, é perceptível que o ensino de LP deve considerar não só o aspecto normativo, mas também outros contextos, como político, histórico, cultural e social que são heterogêneos e, portanto, complexos, visto que os contextos de uso revelam a classe social, a região que o falante está inserido. Portanto, conhecer a história da língua, da cultura como forma de expressões é fator importante para se respeitar os falantes das variações menos prestigiadas. Assim, essa percepção atenua o preconceito em relação ao uso da língua, pois as variedades existentes da língua não devem ser consideradas mais prestigiadas ou menos prestigiadas. Nessa perspectiva o ambiente escolar deve ser o espaço adequado para que estas questões sejam discutidas de maneira inclusiva.

Nesse sentido no próximo capítulo, apresentamos uma análise do LD do 6º ano do ensino fundamental anos finais, na qual esperamos contribuir de alguma forma com ideias que contextualizem o ensino de variação linguística ou lexical a partir do LD.

4 VARIEDADE LEXICAL NO LIVRO DIDÁTICO DO 6 ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS.

Neste capítulo será realizada a análise do LD intitulado *Língua portuguesa* das autoras Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti, do 6º ano do ensino fundamental II, exemplar do aluno em vigência de 2020 a 2023.

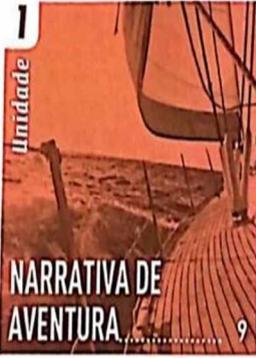
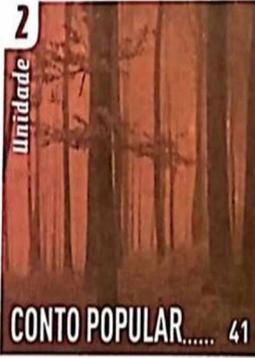
Com relação a sua estrutura, está dividido em oito unidades, são elas: narrativa de aventura; conto popular; história em quadrinhos; notícias; relato de viagem e de experiência vivida; poema; biografia; anúncio de propaganda e entrevista; cada unidade é subdividida em dois capítulos. O livro é composto de duzentos e oitenta (280) páginas. Abaixo as Figuras 2, 3 ,4 apresentam a capa do livro, as unidades e os capítulos, respectivamente.

Figura 2 - Capa do livro didático



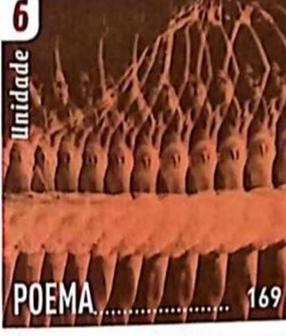
Fonte: Costa e Marchetti (2018).

Figura 3 - Unidade 1, 2 e 3 do livro didático

Sumário		
 <p style="text-align: center;">1 Unidade NARRATIVA DE AVENTURA 9</p>	 <p style="text-align: center;">2 Unidade CONTO POPULAR 41</p>	 <p style="text-align: center;">3 Unidade HISTÓRIA EM QUADRINHOS 73</p>
<p>1. Personagens em ação 12</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto: "Moby Dick", de Herman Melville 12</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto em estudo 14</p> <p style="padding-left: 20px;">• Uma coisa puxa outra: Aventuras em um universo peculiar 16</p> <p style="padding-left: 20px;">Língua em estudo: Língua e linguagem 18</p> <p style="padding-left: 20px;">• Atividades 20</p> <p style="padding-left: 20px;">• A língua na real: O diálogo entre os textos 21</p> <p style="padding-left: 20px;">• Agora é com você!: Continuação de narrativa de aventura 22</p> <p>2. Espaço de desafios 24</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto: "O lobo do mar", de Jack London 24</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto em estudo 26</p> <p style="padding-left: 20px;">Língua em estudo: Fatores de textualidade e gêneros textuais 28</p> <p style="padding-left: 20px;">• Atividades 30</p> <p style="padding-left: 20px;">• A língua na real: O gênero e o contexto de produção 31</p> <p style="padding-left: 20px;">• Escrita em pauta: Letra e fonema 32</p> <p style="padding-left: 20px;">• Agora é com você!: Escrita de narrativa de aventura 34</p> <p style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 2px;">ATIVIDADES INTEGRADAS: "As aventuras de Huckleberry Finn", de Mark Twain 38</p> <p style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 2px;">IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 40</p>	<p>1. Histórias daqui 44</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto: "Os dois papudos", de Ruth Guimarães 44</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto em estudo 47</p> <p style="padding-left: 20px;">• Uma coisa puxa outra: Diversão na roça 49</p> <p style="padding-left: 20px;">Língua em estudo: Variação linguística: variedades regionais 50</p> <p style="padding-left: 20px;">• Atividades 51</p> <p style="padding-left: 20px;">• A língua na real: A variação linguística e a caracterização de personagens 52</p> <p style="padding-left: 20px;">• Agora é com você!: Contação de conto popular 54</p> <p>2. Contos de lá 56</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto: "O kow de Hedley", de Ethel Jonhston Phelps 56</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto em estudo 59</p> <p style="padding-left: 20px;">Língua em estudo: Variação linguística: variedades situacionais e sociais 62</p> <p style="padding-left: 20px;">• Atividades 64</p> <p style="padding-left: 20px;">• A língua na real: O registro e a adequação à situação discursiva 65</p> <p style="padding-left: 20px;">• Escrita em pauta: Encontro consonantal e dígrafo 66</p> <p style="padding-left: 20px;">• Agora é com você!: Reescrita de conto popular 68</p> <p style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 2px;">ATIVIDADES INTEGRADAS: "O homem pequeno", de Henriqueta Lisboa 70</p> <p style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 2px;">IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 72</p>	<p>1. Clássico em nova roupagem 76</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto: HQ sem título, de Benett 76</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto em estudo 77</p> <p style="padding-left: 20px;">• Uma coisa puxa outra: Evolução de personagens 80</p> <p style="padding-left: 20px;">Língua em estudo: Substantivo 82</p> <p style="padding-left: 20px;">• Atividades 86</p> <p style="padding-left: 20px;">• A língua na real: O substantivo em classificados e poemas 87</p> <p style="padding-left: 20px;">• Agora é com você!: Elaboração de história em quadrinhos (parte 1) 88</p> <p>2. O cotidiano em quadrinhos 90</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto: "É... olhando assim, faz sentido", de Orlandeli 90</p> <p style="padding-left: 20px;">• Texto em estudo 92</p> <p style="padding-left: 20px;">Língua em estudo: O substantivo e suas flexões 94</p> <p style="padding-left: 20px;">• Atividades 96</p> <p style="padding-left: 20px;">• A língua na real: O valor semântico dos graus do substantivo 97</p> <p style="padding-left: 20px;">• Escrita em pauta: Separação de sílabas 98</p> <p style="padding-left: 20px;">• Agora é com você!: Elaboração de história em quadrinhos (parte 2) 100</p> <p style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 2px;">ATIVIDADES INTEGRADAS: "Calvin e Haroldo", de Bill Watterson 102</p> <p style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 2px;">IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 104</p>

Fonte: Costa e Marchetti (2018).

Figura 4 - Unidade 4, 5 e 6 do livro didático

<p>4 Unidade</p>  <p>NOTÍCIA 105</p> <p><small>Maisant/Ludovicheims/Alamy/Photoarena</small></p>	<p>5 Unidade</p>  <p>RELATO DE VIAGEM E DE EXPERIÊNCIA VIVIDA 137</p> <p><small>Engnu/Alamy/Photoarena</small></p>	<p>6 Unidade</p>  <p>POEMA 169</p> <p><small>Gjon Mille & Life Pictures/Getty Images</small></p>
<p>1. Giro da informação 108</p> <p> Texto: "Cientistas apresentam maior dinossauro do Brasil", de Roberta Jansen 108</p> <p> • Texto em estudo 110</p> <p> • Uma coisa puxa outra: Dinossauros no cinema 112</p> <p> Língua em estudo: Adjetivo 114</p> <p> • Atividades 116</p> <p> • A língua na real: O adjetivo na notícia 117</p> <p> • Agora é com você!: Escrita de notícia 118</p> <p>2. Seis perguntas básicas 120</p> <p> Texto: "Entre cientistas do ano, uma brasileira" (<i>O Estado de S. Paulo</i>) 120</p> <p> • Texto em estudo 121</p> <p> Língua em estudo: O adjetivo e suas flexões 124</p> <p> • Atividades 126</p> <p> • A língua na real: O valor semântico da flexão dos adjetivos 127</p> <p> • Escrita em pauta: Sílabas tônicas e acentuação das oxítonas e das proparoxítonas 128</p> <p> • Agora é com você!: Notícia radiofônica 130</p> <p>INVESTIGAR: As mulheres na ciência 132</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Babuínos fazem sons semelhantes às vogais a, e, i, o, u, diz estudo" (Folha de S. Paulo) 134</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 136</p>	<p>1. Pelo mundo afora 140</p> <p> Texto: "Os piratas existem!", de Heloisa Schürmann 140</p> <p> • Texto em estudo 142</p> <p> • Uma coisa puxa outra: A viagem de Magalhães 145</p> <p> Língua em estudo: Artigo e numeral 146</p> <p> • Atividades 148</p> <p> • A língua na real: A determinação e a indeterminação em relatos 149</p> <p> • Agora é com você!: Escrita de relato de viagem 150</p> <p>2. Experiências que marcam 152</p> <p> Texto: "Amyr Klink fez do prazer de viajar a sua profissão", de Amyr Klink (<i>Fantástico</i>) 152</p> <p> • Texto em estudo 155</p> <p> Língua em estudo: Interjeição 158</p> <p> • Atividades 159</p> <p> • A língua na real: A interjeição na construção de sentidos 160</p> <p> • Escrita em pauta: Acentuação das paroxítonas 162</p> <p> • Agora é com você!: Relato oral de experiência vivida 164</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Transpatagônia", de Cavé Steinberg 166</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 168</p>	<p>1. Poesia e poema 172</p> <p> Texto: "Infância", de Carlos Drummond de Andrade 172</p> <p> • Texto em estudo 173</p> <p> • Uma coisa puxa outra: <i>Robinson Crusoe</i> 176</p> <p> Língua em estudo: Pronomes pessoais e pronomes de tratamento 178</p> <p> • Atividades 182</p> <p> • A língua na real: Os pronomes de tratamento e seus usos 183</p> <p> • Agora é com você!: Reescrita de poema 184</p> <p>2. Cotidiano poético 186</p> <p> Texto: "Ritmo", de Mario Quintana 186</p> <p> • Texto em estudo 187</p> <p> Língua em estudo: Pronomes demonstrativos 190</p> <p> • Atividades 192</p> <p> • A língua na real: O pronome na coesão do texto 193</p> <p> • Escrita em pauta: Acentuação de hiatos e ditongos 194</p> <p> • Agora é com você!: Escrita de poema 196</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Fotografia", de Eucanaã Ferraz 198</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 200</p>

Fonte: Costa e Marchetti (2018).

O nosso corpus está delimitado à unidade II- conto popular, capítulo 1 História daqui e capítulo 2 Contos de lá, páginas 50 a 52 e também as páginas 62 a 63, que tratam sobre variação linguística, a partir das variedades regionais, situacionais e sociais, entretanto, é uma abordagem, de certo modo, superficial, visto que essas variedades linguísticas devem ser contextualizadas para que seja evitado o preconceito em relação aos falantes dessas variedades consideradas de menos prestígio.

Diante do exposto acima, constatamos que no LD, há menos de 20 páginas destinadas ao tema sobre variação linguística. Apresenta também, por exemplo, os gêneros e a gramática. Nessa análise, daremos ênfase apenas aos conteúdos supracitados acima, as autoras poderiam ter usado a contextualização, como por exemplo de usos de algumas regiões do país que contextualizem essas diversidades.

A parte introdutória do capítulo, descrita na Figura 5, com título: Variação linguística e o subtítulo: Variedades regionais traz primeiramente uma interpretação e compreensão do texto que vem no começo da unidade II, logo em seguida as autoras fazem uma breve explanação sobre a variação linguística.

Após esse panorama sobre os conteúdos referentes às páginas supramencionadas, apresentamos a seguir, através das imagens dos conteúdos sobre as variações linguísticas.

Figura 5 - Variação linguística: variedades regionais

LÍNGUA EM ESTUDO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VARIEDADES REGIONAIS

1. Leia o trecho a seguir, retirado do conto "Os dois papudos".

Enquanto pinicava as cordas, prestava atenção às palavras dos dançarinos.
Eles entoavam:
Segunda, terça
Quarta, quinta...

a) Identifique nesse trecho uma expressão relacionada ao ato de tocar viola.
b) Considerando a situação apresentada no conto, o que essa expressão significa?
c) Reescreva a frase em que a expressão é utilizada, substituindo-a pelo significado indicado na resposta do item *b*.
d) Após a reescrita, que mudança é possível observar na frase?
e) Em sua opinião, por que essa expressão foi usada por quem registrou o conto?
f) Que relação pode ser estabelecida entre a expressão e o gênero conto popular?

A língua oficial do Brasil é o português, no entanto, isso não significa que todos os brasileiros se expressam da mesma forma, pois as línguas podem mudar em função das características de seus falantes e das situações de uso. A esse fenômeno dá-se o nome de **variação linguística**.

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 50).

Veja na Figura 5, a primeira questão sobre variação linguística, na qual há um pequeno trecho de um conto popular e depois uma interpretação de texto, onde as autoras usam a palavra *pinicava* para explicar o conto popular, logo abaixo do questionário mostra uma pequena explicação a respeito da variação linguística.

Como é perceptível, as variações tratadas nessa atividade não apresentam as definições que diferenciam esses tipos de variações e que podem ser compreendidas a partir do conhecimento evolutivo da língua, considerando aspectos históricos, sociais, geográficos, dentre outros.

Podemos perceber na Figura 5, como as autoras trazem algumas anotações, explicando o que seria a variação linguística, no que se refere às variedades regionais, variedades urbanas de prestígio e à norma padrão. Na verdade, elas trazem no começo da unidade II o gênero textual conto popular, para explicar o assunto variação linguística, onde elas explicam a partir de um trecho do conto, que trata da fala da norma padrão. Nessa atividade, além da questão de variação, poderia ser tratada também a questão de mudança de sentido, caso a variação utilizada seja reescrita em outra variação. Isso seria mais significativo e facilitaria a compreensão das variações, dependendo do contexto de uso.

Figura 6 - Gênero musical

Leia a letra de música abaixo e responda às questões.

Óia eu aqui de novo

Óia eu aqui de novo xaxandô	Vem cá morena linda
Óia eu aqui de novo para xaxar	Vestida de chita
Vou mostrar pr'esses cabras	Você é a mais bonita
Que eu ainda dou no couro	Desse meu lugar
Isso é um desaforo	Vai, chama Maria, chama Luzia
Que eu não posso levar	Vai, chama Zabé, chama Raque
Que eu aqui de novo cantando	Diz que tou aqui com alegria
Que eu aqui de novo xaxandô	Seja noite ou seja dia
Óia eu aqui de novo xaxando	Eu tô aqui pra ensinar xaxado
Óia eu aqui de novo mostrando	Eu tô aqui pra ensinar xaxado
Como se deve xaxar	Eu tô aqui pra ensinar



Antônio Barros. *Óia eu aqui de novo*. Intérprete: Luiz Gonzaga.
Disponível em: <<http://luizluagonzaga.mus.br/site/2009/01/27/ia-eu-aqui-de-novo/>>.
Acesso em: 30 jul. 2018.

- Qual é o significado da palavra *xaxado*? Se necessário, procure no dicionário.
- Na primeira estrofe, o eu lírico revela um objetivo. Qual?
- Que termo da primeira estrofe está em desacordo com a norma-padrão? Como essa palavra é registrada na norma-padrão?
- Qual é o efeito produzido pelo uso dessa expressão da forma como aparece no texto?
- Cite um verso da música que caracteriza uma fala regional.

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 51).

Na Figura 6, as autoras apresentam a letra da música do cantor nordestino Luiz Gonzaga, que é escrita em uma variação que não corresponde à norma culta, como é possível observar em algumas palavras muito comuns na região nordeste, como por exemplo, oia (olha), Zabé (Izabel), Raque (Raquel), além de palavras como chita que é um tipo de tecido, xaxado que é um tipo de dança. Como sugestão, poderiam ser apresentadas as diferenças de ordem fonética, no caso a redução de seguimentos sonoros e o outro seria o uso de determinadas palavras cujo o significado é próprio de uma região. Nesse sentido, seria mais significativo explicar essas diferenças. O que as autoras trabalham essa atividade são questionamentos sobre a palavra xaxado, que significa uma dança e que está relacionado a um determinado grupo, que são os cangaceiros, portanto variação relacionada ao grupo social.

Assim como a linguagem tem suas variações regionais, sociais e históricas, a música também se desdobra em uma variedade de gêneros, ritmos e características tonais que são influenciadas por fatores geográficos, culturais e históricos, mesmo apresentando variações consideradas não padrão. Nesse sentido, as variações devem ser contextualizadas de modo que o aluno possa valorizar as variações como essas construções fazem com que a música tenha beleza, melodia e ritmo seriam comprometidos, caso fossem escritos somente na norma culta. Vale ressaltar que nesse contexto a música representa uma variação utilizada não padrão, entretanto não significa que tenha menos valor do que se fosse escrita na forma padrão.

Assim, esse tipo de texto deve ser levado para sala de aula para que o professor tenha possibilidade de mostrar para os alunos que essas variações que estão aqui na música podem ser explicadas perfeitamente a partir da história da língua.

Analogamente, assim como na linguística, o estudo da música pode nos ensinar sobre a importância da variação e da diversidade, ajudando-nos a apreciar e compreender melhor a riqueza da variação linguística. Além disso, ao explorar as similaridades e diferenças entre a variação linguística na música, podemos obter conhecimentos valiosos sobre como as culturas se comunicam e se adaptam ao longo do tempo.

Portanto, a música compartilha a capacidade de nos fazer refletir sobre a complexidade da diversidade a respeito da cultura e de variação lexical e, ao examiná-la em conjunto, podemos enriquecer nossa compreensão da variação cultural e linguística.

Figura 7 - Variedades sociais

O produtor de um texto escolhe um registro mais formal ou mais informal de acordo com seu interlocutor. Dependendo da situação comunicativa, é possível usar diferentes registros da linguagem.

NOTE AÍ!

Registro informal: adequado a situações mais descontraídas, que possibilitam o uso de vocabulário pessoal e afetivo, como uma conversa entre amigos ou um texto menos oficial.

Registro formal: adequado a situações mais formais, que pedem vocabulário mais técnico e objetivo, como um discurso oficial, um seminário ou um artigo científico.

VARIEDADES SOCIAIS

1. Leia a tira a seguir inspirada em um fenômeno linguístico.



a) Qual é o termo que se repete na tira?
b) Na tira, em que situações o termo identificado é usado?
c) O termo identificado é uma **gíria**, ou seja, uma variedade ligada a um grupo social. A princípio esse termo era comum na fala de alguns adolescentes, com o tempo passou a ser adotado por outros grupos. Qual é a intenção do cartunista ao usar o termo nas situações apresentadas?
d) De que forma o título da tira se relaciona com essa intenção do cartunista?

2. Você observou o uso de uma gíria na atividade anterior?

a) Você costuma usar gírias? Já foi criticado por usá-las? Em que situações?
b) Leia esta definição de preconceito linguístico:

O termo *preconceito* designa uma atitude prévia que assumimos diante de uma pessoa (ou de um grupo social), antes de interagirmos com ela ou de conhecê-la, uma atitude que, embora individual, reflete as ideias que circulam na sociedade e na cultura em que vivemos. Assim [...] uma pessoa [...] pode receber avaliações negativas por causa da língua que fala ou do modo como fala sua língua.

Preconceito linguístico. *Glossário do Ceale*. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

• Você já se deparou com uma situação de preconceito pelo fato de uma pessoa ou grupo usar determinada variedade linguística? Conte aos colegas.

NOTE AÍ!

A variação de uso da língua por um grupo de falantes que compartilham características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão, idade, interesses, etc.) recebe o nome de **variedade social**.

O **preconceito linguístico** resulta da comparação equivocada entre um modelo idealizado de língua (baseado nas gramáticas e nos dicionários) e os modos de falar em situações reais.

• Não escreva no livro.

Adão Iturrusgarai/Acervo do cartunista

Adão Iturrusgarai. Acervo do autor.

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 63).

Na figura 7, as autoras mostram os tipos de variações relativas ao registro formal e informal através de uma tirinha para explicar a linguagem utilizada em determinado contexto. Observamos que a gíria é usada por pessoas em ambientes

diferentes e isso pode ser utilizado como motivo de reflexão sobre a diversidade da língua. Nesse sentido, o contexto influencia diretamente na valorização ou adequação de determinadas variações serem aceitas ou não.

Infelizmente a educação do nosso país precisa investir na formação do docente e a disponibilização de recursos didáticos além do livro didático são necessários, pois muitas escolas públicas só têm o LD como principal fonte de pesquisa e ensino, isso tem deixado uma grande lacuna na formação do discente, pois mesmo que algumas questões venham contextualizadas, ainda é necessário que o educador busque outros materiais, como cordéis, músicas e uso da internet para que façam pesquisa e procure outros meios que possam aprimorar o seu conhecimento sobre ensino da língua portuguesa, a partir do contexto histórico. Como contribuição, propomos algumas sugestões a serem trabalhadas em sala de aula, com objetivo de oferecer possibilidades de um ensino da língua portuguesa que possa, de fato, respeitar as variedades da língua, a partir da visão que a língua é resultado de processos históricos.

Como contribuição, nossa pesquisa apresentou uma contextualização, sobre o surgimento do latim, na perspectiva histórica, o surgimento do português em Portugal e no Brasil, por fim tratamos sobre o conteúdo para facilitar o entendimento tanto do educador como também do educando.

Nesse sentido, o LD precisa trazer textos abordando de forma abrangente o conteúdo variação linguística, trazendo exemplos e atividades que mostrem a diferença que há entre as variedades da língua, entretanto todas devem ser respeitadas e valorizadas.

Esse método é sem dúvida a melhor maneira de ensinar, estudar a história da língua portuguesa e assim, tornar um ensino melhor e mais produtivo para o docente e o discente.

Uma proposta de ensino mais eficaz envolveria a promoção de atividades práticas que incentivem os alunos a explorar e compreender a variação lexical em seu cotidiano, estimulando a pesquisa, o debate e a análise crítica. O contato com diferentes sotaques, expressões regionais que influenciaram o português brasileiro durante o processo de formação da língua, pode enriquecer ainda mais o aprendizado, além de torna-lo mais eficiente, significativo e inclusivo.

Além disso, a formação contínua dos professores é fundamental para que possam abordar o tema de forma consistente e estimulante. Oferecer recursos e

capacitação para os educadores é um investimento importante no desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes relacionadas à variação lexical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da variação linguística lexical na LP é de suma importância, especialmente no contexto do ensino fundamental. A compreensão dessa diversidade lexical permite aos estudantes desenvolverem uma visão mais abrangente e inclusiva da língua, além de promover o respeito pela riqueza cultural e linguística presente em nosso país. Neste contexto, a análise do LD do 6º ano do Ensino Fundamental II revelou aspectos positivos e desafios que merecem atenção e reflexão.

Primeiramente, é louvável reconhecer que o LD em questão apresenta uma abordagem inicial sobre a variação lexical da LP, introduzindo conceitos fundamentais e exemplos que podem contribuir para a formação dos alunos. A exploração de regionalismos, gírias e neologismos enriquecem a percepção linguística dos estudantes e os coloca em contato com a realidade diversa do português falado no Brasil.

No entanto, também é evidente que há espaço para melhorias, visto que o LD poderia aprofundar o tema, proporcionando uma visão mais abrangente das diferentes manifestações de variação lexical. Além disso, a valorização da diversidade cultural e linguística deve ser mais proeminente, incentivando a apreciação e o respeito pelas diferentes formas de comunicação.

Em síntese, a variação linguística lexical na LP é um campo de estudo que merece destaque no ensino, promovendo a valorização da diversidade cultural e linguística do Brasil. O LD do 6º ano do Ensino Fundamental anos finais, Cibele Lopresti e Greta Marchetti, 2018, oferece uma base sólida, mas há espaço para aprimoramentos que podem enriquecer ainda mais o aprendizado dos alunos. Uma proposta de ensino eficaz deve ser inclusiva, prática e contextualizada, garantindo que os estudantes desenvolvam não apenas habilidades linguísticas, mas também uma visão enriquecida da sociedade em que vivem.

Após a conclusão deste estudo, tornou-se evidente a relevância de enfatizar temas como a Variação Linguística e, sobretudo, combater o preconceito linguístico. Assim, trabalhos que visam promover um ensino adequado e correto, especialmente no contexto da LP, desempenham um papel crucial na superação de estereótipos arraigados ao longo dos anos.

É inegável que ainda há muito a ser feito para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais eficaz e aberto ao diálogo, à compreensão e

a uma educação linguística mais inclusiva, especialmente no âmbito do ensino da LP nas escolas. Compreender o ambiente em que os alunos estão inseridos, especialmente quando se trata do ensino da LP, é de extrema importância para que eles reconheçam o seu valor e a sua importância como estudantes e seres humanos inseridos na sociedade.

Desse modo, concluímos que os objetivos traçados, a metodologia e a fundamentação foram alcançadas, visto que se evidenciou que a Variação Linguística é uma realidade em nossa sociedade, nas diversas comunidades que constituem o Brasil se fazem presente no ambiente escolar. Compreender esse tema é fundamental para tornar o ensino mais acessível, evitando estigmas, preconceitos e visões distorcidas do que a LP realmente representa. No contexto educacional, é imperativo analisar cuidadosamente o que é ensinado e, em particular, os materiais utilizados como base para a educação dos alunos.

O ensino de língua portuguesa pode ser mais bem contextualizado no item variação linguística em consideração a história da variação lexical a partir do português histórico advindo da língua latina. Dessa forma, este trabalho traz um entendimento desse tema, que é importante para os educandos e educadores para que o português não é intrinsecamente difícil. Assim, esta pesquisa não é conclusiva, pois está aberta a outros olhares sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino.** Universidade de Brasília, 2009.
- AMORIM, et al. Apontamentos sobre a educação no Brasil Colonial (1549-1759). **Interações.** Campo Grande, MS, v. 18, n. 4, p. 185-196, out./dez. 2017.
- ARAÚJO, et al. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 33, p. 1-7, 2016.
- ASSIS, Maria Cristina de. História da Língua Portuguesa. **Letras.** s.l., s.d., p. 113-158.
- AZEREDO, José Carlos de. **Escrevendo pela nova ortografia.** Rio de Janeiro: Houaiss; Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- BEZERRA, Rodrigo. **Nova gramática da língua portuguesa para concursos.** São Paulo. Editora: Método. 2015
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasil, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília; MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, Wanderci. **Contemas: ou cadernos de poemas de um aluno do Liceu.** Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.
- COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 6º ano.** 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2018.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós.** In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma.* São Paulo: Loyola, 2002
- FAVA, Rui. **Educação 3.0: como ensinar estudantes com culturas tão diferentes.** 2. Ed. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2012.
- MOURA, Alcides Fernandes da. O sistema educativo cabo-verdiano nas suas coordenadas sóciohistóricas. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 79-109, jan./abr. 2016.
- OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. **Cattus, feles et pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas.** João Pessoa: Ideia, 2015.

PAIVA, José Maria de. Estado e educação. **A Companhia de Jesus: Brasil**, 1549-1600. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 15, n. 2 (38), p. 169-191, maio/ago. 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico (recursos eletrônicos): métodos e técnicas da pesquisa e trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, A. A. Estrangeirismos e sua influência na língua portuguesa. São Paulo, 2008.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. **Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro**. São Paulo: Ideia, 2015.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa. Trad. De Celso Cunha. 6ª Ed. Portuguesa**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

Disponível

em:

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fbr.pinterest.com%2Fpin%2F774619204647843916%2F&psig=AOvVaw0KFbTaklcFAhZhxvrqQYwK&ust=1699207032637000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFwoTCMj7psb1qoIDFQAAAAAdAAABAw>. Acesso em: 04 nov. 2023.